

LENDO AS MÃOS, LENDO COM AS MÃOS, LENDO ATRAVÉS DAS MÃOS, LENDO...

Tania Mariza KUCHENBECKER RÖSING

Universidad de Passo Fundo (Brasil)

EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO À LEITURA

O ato de ler traz em seu bojo o desenvolvimento do processo da compreensão. É preciso abordar esse ato deixando de lado o senso comum, onde a maioria esmagadora das pessoas reduzem-no a uma simplicidade inaceitável, revelando o quão distantes se encontram do entendimento acerca da leitura e das implicações contidas na mesma por sua complexidade.

O autor produz um livro e perde esse produto de vista, entregando-o a uma editora cujo destino é determinado pelas distribuidoras. Esse mesmo livro passa a ser significado quando os leitores se apropriam do mesmo através do ato de ler. Mediadores de leitura, pais, bibliotecários verdadeiramente comprometidos com o processo de formação de leitores, agentes culturais conscientes da importância do aprimoramento educacional e cultural das pessoas de diferentes faixas etárias e distintos níveis de escolaridade, autoridades educacionais preocupadas com a leitura enquanto prática social cujos resultados contribuem decisivamente para o exercício da cidadania, precisam ter esse entendimento.

É necessário fazer interlocução com intelectuais capazes de ajudar a explicitar a complexidade do simples em que a leitura se constitui. A primeira contribuição é de Edgar Morin:

“Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, comprehendere, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação.

Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento. A explicação é, bem entendido, necessária para a compreensão intelectual ou objetiva.

A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana.

Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito.”⁽¹⁾

O desenvolvimento do gosto pela leitura abrangendo, portanto, a variedade de modalidades empregadas no processo de iniciação à leitura deve ser entendida no âmbito da compreensão humana defendida por Morin, a qual *vai além da explicação* e não pode prescindir do *conhecimento de sujeito a sujeito*. A mediação feita pelas mães, pais, avós através de cantigas, de contos para ninar, de histórias maravilhosas para entreter as crianças constitui-se na concretização inicial dessa dinâmica. É um diálogo diferente que se estabelece entre os interlocutores, proporcionando às crianças uma estruturação de seu universo interior através da construção de valores que vão sendo repassados pelas histórias, pelas cantigas, recursos esses dos quais ela se apropria, passando a fazer parte de sua identidade, numa dinâmica intersubjetiva e polifônica, como defende Bakhtin. São determinantes, também, no seu desenvolvimento emocional e intelectual. O desenvolvimento de um sujeito para a autonomia, para a independência, para a liberdade passa, sem dúvida, pela relação com o outro, com a comunidade familiar seja qualquer o formato em que se estrutura, com acesso às histórias cuja memória familiar, coletiva, livresca ou através de outros suportes pode oferecer a essa criança em desenvolvimento.

A contribuição de Ana Teberosky e de Teresa Colomer também é significativa no entendimento das implicações do processo de aquisição da leitura e da escrita, concebido como uma caminhada longa de alfabetização que começa muito antes da escola:

“Em determinadas famílias, as crianças interagem com materiais e com tarefas de leitura e escrita desde muito cedo. E essas interações provavelmente estão relacionadas e influenciam nas aprendizagens convencionais posteriores.

Porém, no caso da linguagem escrita, a base social tem uma função especial a mais. Sendo um escrito um objeto simbólico, para que se reconheça nas marcas gráficas objetos simbólicos, os agentes sociais devem atuar como intérpretes, cuja função é transformar essas marcas gráficas em objetos lingüísticos (Ferreiro, 1996). Apenas escutando a leitura em voz alta, a criança pequena assiste à transformação das marcas gráficas em linguagem. ⁽²⁾

As considerações de Teberosky e Colomer são facilmente entendíveis no contexto de crianças com desenvolvimento normal, sem nenhuma patologia, cuja comunidade familiar tem os recursos culturais e até econômicos para propiciarem um desenvolvimento pleno das mesmas através do acesso aos livros, à contação de histórias, aos bens culturais como um todo. Há que se entender, no entanto que a aprendizagem da escrita está diretamente relacionada às vivências em sociedade, às suas práticas sociais de leitura e de escrita, contribuindo, dessa forma, para a realização de ações com segurança numa sociedade letrada e, agora, repleta de imagens.

Há muita curiosidade em torno do processo de iniciação à leitura desenvolvido por pessoas de diferentes níveis sócio-econômico-culturais, de distintas faixas etárias, considerando-se que, na atualidade, muitos são os suportes veiculadores de textos, com recursos inimagináveis, capazes de estimular cada um e todos a desencadear um processo de envolvimento com a leitura, construindo trajetórias as mais inesperadas.

Quando solicitamos a qualquer pessoa, a qualquer profissional, cuja faixa etária abrange entre 30 e 50 anos, que revele suas primeiras experiências com o ato de ler, resgatando-as da memória, as respostas são as mais variadas e realmente interessantes pela diversidade. Cada geração tem experiências distintas, singulares. Alguns, revelam seu contato primeiro com histórias em quadrinhos, os famosos gibis. Outros, lembram as histórias contadas por suas mães, embaladas por canções que complementavam essas narrativas. Outros ainda, lembram de, em estando no colo de sua mãe, terem desenvolvido o gosto pela leitura por intermédio da audiência de histórias veiculadas pelo rádio, as inesquecíveis radionovelas que provocavam uma verdadeira catarse emocional entre todos os membros da família. Há, também, os que despertaram o prazer de ler através de histórias bíblicas contadas a cada noite por suas mães, revelando uma forma criativa de passar os ensinamentos religiosos aos filhos. Encontram-se muitos que iniciaram seu envolvimento com a leitura através do contato com o mundo maravilhoso dos contos de fadas.

O relato dessas experiências de vida demonstram o quão distantes se encontram os adultos leitores das crianças e adolescentes da atualidade, cujas primeiras experiências de leitura ou acontecem por intermédio da televisão, através da apreciação de desenhos animados, ou mesmo do envolvimento com o computador, através da interação com diferentes jogos ou ainda com CDsROM criados com base em narrativas literárias, em poesias, além do envolvimento com brinquedos inspirados em personagens, equipamentos, máquinas peculiares ao universo dos programas televisivos.

Essa constatação nos estimula a pensar nas pessoas portadoras de necessidades especiais e nas experiências de leitura que possam desenvolver. O compromisso dos adultos, dos profissionais da educação, das autoridades governamentais deve ser ampliado à medida que todos devem ser incluídos num processo de formação para a leitura, transformando-se em leitores cujo ato de ler não seja apenas uma ação pragmática, mas que possa desenvolver em cada um o prazer, a fruição, o gosto pela leitura.

LENDO AS MÃOS

Quando os leitores são surdos, muda a perspectiva das primeiras experiências com o ato de ler. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que grande parte de crianças surdas nasce em famílias de ouvintes, ficando em desvantagem com os demais membros da comunidade familiar. Suas experiências com os contos é restrita, considerando que as pessoas com quem convivem devem dominar a linguagem dos sinais. É muito pequeno o percentual de surdos que nascem de pais surdos, o que propicia uma outra peculiaridade no desencadeamento das primeiras experiências com a leitura. .

A tarefa de contar histórias para surdos é complexa. Mesmo que o contador seja fluente em língua de sinais, é imprescindível observar certas limitações e especificidades. Na relação entre mães surdas e filhos surdos, são utilizadas várias estratégias: a mãe sinaliza palavras específicas ou frases na ilustração, utilizando o livro como complemento do sinal, desenvolve uma espécie de dramatização, imitando as ações contidas na ilustração ou ainda realizando outras expressões que demonstram a mudança de personagens, faz um cotejo entre o conteúdo do texto e eventos da vida real, mantém a atenção da criança através apenas dos sinais que sintetizam a história, elabora perguntas sobre a ilustração e sobre o texto para o filho, num verdadeiro processo de interação. O foco de atenção constitui-se nas mãos sinalizadoras, nas expressões facial e gestual

Faz-se necessário chamar a atenção de todos para a interação que deve existir entre ouvintes e surdos no ato de contar histórias o que, da mesma forma que acontece na interação entre mães surdas e filhos surdos, promove o desenvolvimento dessas crianças acelerando-o, a partir de sua relação com narrativas ficcionais, construindo de forma rica a sua interioridade.

A emergência de professores surdos ainda é muito pequena, sendo os já existentes portadores das mesmas carências profissionais da grande maioria de professores ouvintes e que trabalham com alunos sem problemas de natureza física: não são leitores, apresentando dificuldades, portanto, para desencadear um processo de formação de outros leitores, pois não constituem exemplo para seus alunos no que diz respeito ao envolvimento com materiais de leitura.

O processo de inclusão de surdos em todas as atividades sociais é uma forma de as pessoas em geral entenderem a especificidade de sua comunicação, valorizarem a mesma, interessarem-se em contribuir para que esse segmento da sociedade possa ter acesso às mais diversas manifestações culturais, viabilizando a tradução das mesmas por pessoas que dominam a linguagem de sinais.

Ouvir, enxergar, e promover a flexibilização das mãos numa verdadeira dança que encanta a todos, sintetizando a mensagem, demonstra a importância do sentido da visão e a capacidade de audição, traduzindo a mensagem em sinais. O ato de contar histórias por ouvintes para surdos é uma atividade que precisa ser estimulada, observando-se os benefícios em que as narrativas, as poesias e mesmo textos teatrais podem resultar no processo de aprimoramento da interioridade desse grupo social com necessidades especiais.

LENDO COM AS MÃOS

Há um esforço de conscientização dos diferentes segmentos da sociedade em geral, movido por leis, projetos, regulamentos da área governamental, no sentido de criar oportunidades de vivências sociais e profissionais num contexto de normalidade para os cegos, pessoas cujo desenvolvimento da habilidade da audição, do tato superam os grandes obstáculos que ameaçam a sua vivência na comunidade familiar e as suas experiências e práticas sociais.

O contato com jovens e adultos cegos permite que se perceba em cada um o grande interesse de poder contar com o apoio de lideranças da sociedade para que possam ter acesso aos bens culturais, através de ferramentas em áudio, ou ainda, de materiais produzidos em braille. A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação tem liderado um grande movimento no Brasil, reunindo esforços de instituições de distintas naturezas como o Instituto Benjamin Constant, localizado no Rio de Janeiro, para viabilizar a publicação de textos técnicos, científicos, literários, manuais didáticos e profissionais entre tantos outros. A constituição brasileira, estatutos da criança e do adolescente entre obras literárias canônicas para os cegos têm sido produzidos pela Editora do Senado Federal, com grande qualidade, permitindo a acesso a esses importantes conteúdos por pessoas que fazem parte desse segmento da sociedade, demonstrando seu compromisso com o desenvolvimento da cidadania entre grupos com necessidades especiais.

A leitura através do contato das mãos com os pontos que constituem o código Braille permite que se manifeste um olhar diferente à potencialidade do ser humano e ao desenvolvimento de habilidades a partir de seus próprios sentidos, numa demonstração do potencial do corpo humano e do uso adequado dos sentidos.

O domínio do código Braille é restrito a familiares de cegos, ou mesmo a professores cegos ou professores de cegos, o que dificulta, muitas vezes, um diálogo mais profundo acerca de determinados temas, ou mesmo a viabilização de oportunidades profissionais a esse segmento da sociedade, considerando, também, a necessidade de interlocução no código referido, ou ainda,

de formas diferenciadas de avaliação de seus trabalhos quando têm a oportunidade de ocupar espaços entre os universitários, por exemplo, ou na realização de concursos.

Considerando a soma vultosa gasta com pesquisa nas diferentes universidades brasileiras, dever-se-ia destinar parte desse financiamento à criação e à produção de ferramentas capazes de ampliar a inserção dos cegos na sociedade como um todo.

Ler com as mãos é modalidade a ser considerada na chamada normalidade das propostas educacionais, constituindo uma política governamental de atendimento à especificidade desse segmento da sociedade cujos problemas iniciam quando emergem de comunidades familiares cujos integrantes não são cegos, ou mesmo quando seus integrantes, especialmente pai e mãe, também apresentam a mesma necessidade especial.

Estudantes universitários cegos têm se socorrido da ajuda de colegas no que diz respeito ao atendimento de suas carências para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos e nem sempre têm contado com a ajuda e a compreensão necessárias de professores que não possuem o conhecimento mínimo do código Braille nem têm a sensibilidade para o atendimento de casos especiais.

O processo de inclusão dessas pessoas no mundo acadêmico deve ser prevista, também, através de oferta de espaços opcionais para aprendizes de diferentes cursos que desejam ampliar seu conhecimento no que diz respeito à interação com o segmento de pessoas com necessidades especiais. O discurso em favor da inclusão pressupõe ações viabilizadoras dessa inclusão. Não deixa de ser uma forma de alfabetização especial no contexto do grande esforço pela erradicação do analfabetismo no país e da diminuição de analfabetos funcionais. Há que se diminuir também o analfabetismo relativo à natureza dos elementos constitutivos do código Braille e de outros recursos necessários à ampliação da comunicação com cegos, surdos, e da garantia de sua autonomia na sociedade. São pessoas extremamente inteligentes, sensíveis, desejosas de ampliar suas oportunidades de circulação social e no mundo do trabalho, sendo respeitadas pela singularidade de suas necessidades, ampliando o respeito à sua dignidade enquanto cidadãos. Há que se desenvolver um espírito de solidariedade para garantir esses recursos mínimos que viabilizam a independência desse segmento especial integrante da sociedade.

O diálogo sobre esse tema, seja em ambiente universitário, seja em outras instituições sociais, precisa ser embasado em dados coletados entre pessoas cegas e seus familiares, dados estes que deverão ser categorizados e ordenados, transformando-se em informações importantes. O processamento, a avaliação e a síntese dessas informações resultarão num conhecimento significativo sobre as necessidades desse segmento especial, estimulando as pessoas

consideradas num contexto de normalidade a ampliarem os espaços para o desenvolvimento individual e a convivência social dos cegos com as pessoas em geral.

LENDO ATRAVÉS DAS MÃOS E...

As bibliotecas, os centros multimídiais de promoção de leitura contam com a atuação de profissionais que deveriam ter a sensibilidade de **ouvir** os usuários desses ambientes sobre necessidades e interesses de leitura, profissionais estes que não se dispõem, na grande maioria dos casos, a fazê-lo com a sensibilidade necessária. Através do **manuseio** de fichas, ou mais modernamente, através da **navegação em sites** específicos para a classificação de livros, de periódicos e de outros materiais existentes em bibliotecas mais bem aparelhadas, tentam cumprir uma rotina de seleção de materiais, entregando-os aos leitores. Entende-se que a normalidade do atendimento pressupõe uma **interação sujeito a sujeito**. A busca das informações sobre a existência ou não de determinados livros e ou dos materiais solicitados, a retirada dos mesmos das prateleiras multiformes seguida da entrega de conteúdos em diferentes suportes aos solicitantes é feita pelo sentido da visão e do tato. A forma cuidadosa ou não de tratar esses materiais e o modo de entregá-los aos usuários desses espaços culturais demonstra, também, que importância esses profissionais concedem ao livro, aos vídeos, aos CDsROM...

Uma referência a Bakhtin é necessária nesse momento quando reitera constantemente esta idéia da natureza relacional, ou dialógica, do discurso, informando que qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera, tanto do mesmo autor como de outros autores, originando um diálogo social e funcionando como parte dele. A relação entre o sujeito bibliotecário e o sujeito leitor se constitui do diálogo desenvolvido pelo primeiro profissional e as diferentes obras com as quais entrou em interação, ao mesmo tempo em que o segundo é resultado de outras tantas interações.

Se perguntarmos a pessoas de diferentes gerações em que suportes apreciam mais desenvolver atividades de leitura, encontraremos respostas as mais diversificadas. Certamente as gerações mais velhas têm um prazer indescritível pelo envolvimento com o suporte livro, curtindo o papel em que é feito, o *design* da capa, a formatação interna, o tipo de letra... Outros mais jovens, lembram dos gibis, da curtição emergente das ilustrações que contracenava personagens inesquecíveis. Entre os bem mais jovens, tal entusiasmo se manifesta ao entrarem em contato com a tela e as múltiplas possibilidades que o hipertexto oferece. Outra manifestação de encantamento acontece através da utilização do *e-book*, cujo toque na tela, seja o mais sensível possível, faz surgirem páginas inusitadas, surpreendentes relativamente a textos

canônicos ou de autores pertencentes a tribos mais novas, mesclando a linguagem escrita com outros recursos como o movimento, a cor, o som, ilustrações, fotografias, imagens as mais ricas enfim. É a leitura através das mãos, num verdadeiro gesto de aproximação de um objeto de desejo, ou mesmo de um toque de carinho, ou ainda de curiosidade pelo novo, pelo inesperado.

O que está em jogo nesse quadro são questões culturais. A cultura do ato de ler o livro se desenvolve há vários séculos e foi democratizada através da criação da prensa por Gutenberg. O que está em jogo também, na atualidade, é a disponibilização de materiais de leitura à população em geral nos diferentes bairros de cidades de portes os mais variados. O que está em jogo mesmo é a necessidade de ampliar o número de bibliotecas no país como um todo, e de formar profissionais capazes de ler com todos os sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato), transferindo essa habilidade e esse prazer a pessoas num contexto de normalidade e num contexto de necessidades especiais.

É chegada a hora de entendermos a leitura como base da prática educacional em situações formais ou informais de aprendizagem, utilizando os recursos da escrita, de códigos de sinais, do código Braille, de audiolivros. É chegada a hora do financiamento de pesquisas realizadas com a finalidade de viabilizar a alfabetização de pessoas com necessidades especiais, utilizando os recursos da informática, contextualizando essas aprendizagens no universo de circulação dessas pessoas, cujas necessidades são tantas e tamanhas, mas que não são maiores do que o seu desejo de terem a oportunidade de se desenvolverem intelectualmente, garantindo uma segurança emocional e um espaço de atuação digna na sociedade.

É necessário que as pessoas portadoras de necessidades especiais também tenham acesso a obras como *Fausto* de Goethe, *Moby Dick* de Melville, *Ulisses* de Joyce, *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques, *Romeu e Julieta* de Shakespeare, *Dom Quixote* de Cervantes, *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto sem a necessidade de perseguirem os olhares apontados pela crítica literária.

É preciso entender que as pessoas portadoras de necessidades especiais brincam com suas deficiências, manifestam-se através de expressões de humor, enquanto constroem significados. Por isso, é necessário que criemos oportunidades de aprendizagem em que as diferentes abordagens da leitura sejam efetivas na formação dessas pessoas e no seu desenvolvimento enquanto cidadãos. Precisamos minimizar a angústia que essas pessoas têm, ampliando a quantidade e a qualidade de materiais de leitura como as oportunidades de formação de professores em diferentes modalidades e níveis, estimulando-as a permanecerem trabalhando com esse importante segmento da sociedade.

O processo de inclusão das pessoas portadoras de necessidades especiais passa por uma escola inclusiva, mas também e especialmente, por uma sociedade inclusiva cujo objetivo maior se constitui na criação de oportunidades de aprendizagem e de atuação em sociedade com qualidade, com respeito às suas necessidades, tratando-os com a dignidade que merecem.

O processo de inclusão se constitui basicamente numa opção filosófica e numa decisão política que construa uma sociedade inclusiva cuja identidade seja de reconhecimento e respeito à diversidade. Desse modo, acontecerão mudanças positivas nas relações da sociedade com os segmentos historicamente excluídos. É imprescindível tratar os excluídos como sujeitos que buscam e podem alcançar a autonomia, a independência.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo:Cortez; Brasília: UNESCO, 2002, p.94-5.
2. TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista* .Porto Alegre: Artmed, 2003, p.17